

# O género dos estrangeirismos usados na língua portuguesa

Maria Carmen de Frias e Gouveia

(Universidade de Coimbra/ CELGA)

## Introdução

A língua portuguesa inclui no seu léxico – sem que, muitas vezes, o falante comum disso se aperceba – um número considerável de vocábulos importados de outros idiomas, sendo os mais frequentes de origem francesa, inglesa ou anglo-americana<sup>1</sup>.

Já Duarte Nunes de Leão, em 1606 (em *Origem da língua portuguesa*), tinha consciência da existência de palavras que os portugueses “tomaram” de outras línguas. E regista (embora algumas de discutível origem), cerca de 300 francesismos (por exemplo, “arrepender”>“repentir”, “banhar”>“baigner”, “batalha”>“bataille”, “marchar”>“marcher”, etc)<sup>2</sup>; uma centena de italianismos (como “balcão”> “balcone”, “vantagem”> “vantaggio” ou “enxuto”> “asciuto”)<sup>3</sup>; e uma dezena de palavras do alemão (“torneio” e “marca”, esta como limite entre províncias, etc)<sup>4</sup>. Refere ainda, além dos “empréstimos” do godo, árabe, grego e latim, vocábulos hebreus e sírios (três dezenas, onde se contam “amen”, “aleluia” e “satã”)<sup>5</sup>.

Várias podem ser as causas que conduzem à “importação” de palavras. Num interessante artigo subordinado a esse tema, Manuel de Paiva Boléo<sup>6</sup> apontava, por exemplo,

- a necessidade de denominar um objecto novo (“jeep”);
- o intuito de dar mais rigor ao sentido ou maior concisão (“pijama” constitui uma forma mais simples que “fato de dormir”);
- a hipótese de funcionar como eufemismo (“gaffe” por “deslize na vida social”).

---

<sup>1</sup> Ao longo da história da língua, pelo contacto de povos, invasões, etc., foi frequente a entrada de vocabulário proveniente de outras línguas. Assim ocorreu com os germanismos (como “elmo” e “guerra”) e arabismos (“arroz”, “laranja”, “alface”, entre muitos outros). A partir do Renascimento, foram restauradas e introduzidas na língua portuguesa muitas palavras latinas.

<sup>2</sup> Ver cap. XI.

<sup>3</sup> Cf. cap. XII.

<sup>4</sup> Cap. XIII.

<sup>5</sup> Cap. XIV.

<sup>6</sup> Cf. BOLÉO, op. cit.

O prestígio ou influência de determinado país, é também – como defende Lyle Campbell<sup>7</sup> – um motor importante para essa entrada de vocábulos de origem estrangeira numa determinada língua e numa dada época. No caso do Português registam-se, sobretudo, espanholismos no século XVI, francesismos durante todo o século XVIII, anglicismos ao longo do século XIX e, mais recentemente, americanismos. Outro aspecto de relevo é que os estrangeirismos entrados para a língua portuguesa nem sempre tiveram a mesma duração ou vitalidade: alguns permaneceram por um curto período de tempo e desapareceram (em Eça de Queirós e Almeida Garrett são frequentes vários francesismos hoje desusados, como “boudoir”; “boîte” está a ceder terreno a “discoteca”; “claxon” e “chauffage” perdem vitalidade para “buzina” e “aquecimento central”); outros deixaram, há muito de ser sentidos como estranhos à língua (por exemplo “detalhe”, “lanche” ou “equipa”); outros ainda nacionalizaram a pronúncia ou forma (como “futebol”, “golo” e “ténis”). Houve também os que foram adaptados com mudança parcial de sentido (ex. “creche”, no Francês, era uma instituição religiosa para recolher crianças, enquanto que em Portugal pode não ter qualquer ligação à Igreja); por último, os que entraram na linguagem corrente, adulterados e tornados irreconhecíveis (por ex. Paiva Boléo aponta os casos de “pionés” por “punaise” e “biochene” por “vieux chêne”, ambos de origem francesa)<sup>8</sup>

O que é um facto é que muitas dessas palavras – e outras entradas mais recentemente – são hoje parte integrante do vocabulário quotidiano do falante médio comum, quer se verifique alteração da forma ou adaptação à grafia portuguesa (ex. “bandolete” < “bandelette”; “iate” < “yacht”; “maionese” < “mayonnaise”; “envelope” < “enveloppe”, “duche” < “douche”; “líder” < “leader”, “piquenique” < “picnic”, “pulóver” < “pull-over”; “tricô” < “tricot”, “guiché” < “guichet”, ou “sandés” < “sandwich”) ou se mantenha a da língua de origem, o que é mais frequente nas entradas mais recentes (como é o caso de “byte”, “gay”, “web”, “net”, “lobby”, entre outros).

O *Português Fundamental*<sup>9</sup>, baseado em vocabulário comum, recolhido há mais de vinte anos, contém (excluindo palavras ligadas ao campo desportivo, como “hóquei”, “pinguepongue”, etc) 13 dos substantivos em anexo, a saber: a “cabine”, o “creme”, o “duche”, o “envelope”, a “equipa”, a “garagem”, o “guiché”, o “metro”, o “piquenique”, o “pulóver”, a “sandés”, o “soutien” e o “stand”, adaptados já totalmente à grafia portuguesa ou à sua acentuação (por exemplo “penalty” por “penalty”). Este número aumentou, sem dúvida, nos nossos dias.

<sup>7</sup> CAMPBELL, cap. 3, p. 57 e seq.

<sup>8</sup> Cf. obra citada.

<sup>9</sup> Vol I, tomo I, p. 69-86. Este vocabulário foi analisado por GOUVEIA, 1993, p. 181-209, no que ao género diz respeito.

## 1. O corpus

Seleccionaram-se dos cerca de quatro milhares de vocábulos de origem estrangeira presentes em vários dicionários de estrangeirismos e obras afins<sup>10</sup> ou recorrentes na linguagem oral e escrita, cento e oitenta palavras, usadas comumente pelo falante de nível cultural médio.

Deixaram-se deliberadamente de lado os vocábulos mais técnicos ou específicos relacionados com desportos (desde a sua designação como “futebol”, “ténis”, “golfe” ou “snooker”, a vocabulário próprio, onde abundam os termos ingleses como “drible”, “all-in-one”, “passing shot”, “drive”, “set” ou “green”), música (termos essencialmente italianos como “piano”, “adagio” e “allegro”), tauromaquia (“faena” e “bandarilha”, entrados pelo espanhol) ou nomes de bebidas (“cognac”, “whisky”, etc).

Assim, o material para análise – apresentado nos anexos – engloba vocábulos do âmbito do trabalho, alimentação, higiene pessoal, vestuário, etc. Trata-se, sobretudo, de substantivos e adjetivos (estes em menor número, como “chique” e “snob”), alguns resultantes de palavras aglutinadas ou justapostas na língua de origem, formadas por, a título de exemplo, dois substantivos, tendo o primeiro função de adjetivo (“airbag” e “airbus”), substantivo e verbo (“babygrow”), advérbio e verbo (“after-shave”), verbo e substantivo (“cachecol” e “cachepot”), dois verbos (“cash and carry”), verbo e advérbio (“passe-vite”), adjetivo e substantivo (“high-society”) e verbo e preposição (“lay off”, “check up”, etc.)

## 2. O género e sua atribuição

São várias as possibilidades que uma dada língua adopta para atribuir esta categoria a palavra importada, desde seguir a terminação do vocábulo ou – no caso dos animados – o sexo, a manter o género da palavra de origem (quando o tem) ou mesmo atribuir-lhe o que é mais comum na língua de adopção<sup>11</sup>.

Num trabalho anterior<sup>12</sup>, ao estudar o género de alguns estrangeirismos, verifiquei que a língua portuguesa lhes atribui o género de acordo com as seguintes hipóteses:

- mantém o género da língua de origem, geralmente se se trata de uma língua românica (“pizza”, “lingerie”, femininos; “ballet”, “menu”, masculinos);
- segue o género natural, se o referente é animado (“barman”, “cow-boy” e “cameraman”);
- adopta o género sugerido pela terminação da língua de origem (a “maionese”, o “biberon”);

<sup>10</sup> Cf. bibliografia.

<sup>11</sup> Ver, por exemplo ERVIN, p. 249-261, p. 253-4.

<sup>12</sup> GOUVEIA 1993, p. 121-3.

- engloba-os no género mais comum na língua (sobretudo quanto aos anglicismos porque o Inglês não faz, nos casos de substantivos ou adjectivos, distinção de género: o “slogan”, o “bar”, etc);
- noutros casos, a palavra adopta o género que a sua tradução tem na língua de adopção (a “T-shirt”, a “home-page” ou a “net”, porque “camisa”, “página” e “rede” são palavras femininas; o “after-shave”, uma vez que “bálsamo” é de género masculino).

Da totalidade dos vocábulos do “corpus” recolhido, 125 são masculinos, 40 femininos e 15 podem ter ambos os géneros, embora destes alguns sejam mais frequentemente usados com referentes masculinos: “skin-head”, “travesti” e “gay”, tendo esta última forma vindo, mais recentemente, a designar “pessoa homossexual”. “Gigolo”, por sua vez, é exclusivamente masculino.

Passemos agora mais pormenorizadamente à análise dos dados recolhidos e apresentados em anexo, anexo esse onde as palavras surgem acompanhados do género correcto em português europeu.

### 2.1. Vocábulos que mantêm o género da língua de origem

Estão nesta situação vários vocábulos, um de origem alemã (“Kitsch”) e a grande maioria de origem francesa. Exceptuam-se: “creme” e “chauffage”, “entourage”, “bricolage” (o *Dicionário* da Academia dá, no entanto, este vocábulo como masculino, a par de “bricolagem”, feminino), “garagem” e “reciclagem” (que tomam o género usual das palavras terminadas em –agem, feminino em Português); “crepe” e “croquete” (pela relação com “bolo”?); “envelope”, “pionés”, “duche”, “robe”; e, do alemão, “valsa” (que era neutro, género inexistente em Português, pelo que tomou o feminino, eventualmente por associação com “dança”).

### 2.2. Relação com o referente

Em casos de adjectivos ou referentes sexuados a atribuição de género faz-se com esse referente. São exemplos, entre outros, “um homem snob”/“uma mulher snob”; “ela é designer”/“ele trabalha como designer”.

A palavra “baby-sitter”, tradicionalmente feminina, tornou-se – com a abertura da sociedade e a divisão de tarefas – passível de emprego masculino (apesar de o *Dicionário* da Academia a registar como feminina). A forma “jockey”, por sua vez, pode ter referente do sexo feminino, mas tem vindo a ser preterida em favor de “amazona”.

Noutros casos, como “barman”, por exemplo, há um feminino específico, “barmaid”, pouco usado em Portugal.

### 2.3. Género sugerido pela terminação

São geralmente masculinos os vocábulos de origem francesa terminados em -é (como “cabaré”, “pâté”, “guiché”) ou -et (“ticket”, “parquet”), -ô /- ot (“tricô”, “bibelot”), -on (“biberon” ou “bâton”), enquanto que tomam o feminino os terminados em -age/-agem (ao contrário do que ocorre no Francês), -ette (“maquette”, “disquette”, “palette”, etc), -ise (“marquise”), entre outros.

A palavra “pizza” (de origem italiana) mantém o género feminino, também sugerido pela terminação -a, tradicionalmente associada a esse género, ao contrário de “pijama”, que toma o do seu significado (“fato de dormir”).

### 2.4. Atribuição do género mais comum na língua de adopção

É o que ocorre sobretudo com os vocábulos de origem inglesa ou americana: “lobby”, “hobby”, “lay off”, “black out”, “pulóver”, “hand-out”, etc., que têm, em Português, o género masculino. Exceptua-se “sanduiche” e – nalguns registos mais populares ou regionais, que empregam o feminino – “hamburger”.

### 2.5. Género dado pela tradução de um determinado estrangeirismo para o português

Evidencia-se, na maior parte das vezes, com o Inglês, que não expressa o género dos nomes. Está patente nos casos de “T-shirt” (camisa, s.f.), “net” (rede, s.f.), “jeans” – embora se utilize também o masculino- (calças, s.f.), “home-page” (página, s.f.), “slot-machine” (máquina, s.f.), “web” (teia, s.f.), “fones” < (head-) phones (os auscultadores, s. m.), “overdose” (dose, s.f.), “pass-word” (palavra, s.f.), “sweat-shirt” (camisa, s.f.), “e-mail” (correio s.m.[e-lectrónico]), etc. Também está sujeito, por vezes, a este tratamento o francesismo “collants”, que pode empregar-se tanto no feminino (por associação com “meias”), como no masculino (o género aconselhado pelo *Dicionário da Academia*).

“CD”, por sua vez, toma o género da tradução do significado da abreviatura (“compact disk”, “disco compacto”, s.m.).

## 3. Os estrangeirismos no português do Brasil

Observei anteriormente<sup>13</sup> que as maiores diferenças, no que respeita ao género gramatical, entre as duas variedades europeia e americana do Português se situa a nível dos estrangeirismos, na sua maioria de origem francesa ou inglesa.

Assim, quanto a francesismos, divergem do género usual que lhes é dado em Portugal “disquete” (m.), “omelete” (vocábulo geralmente masculino em níveis mais populares da língua, embora seja aconselhado o feminino), “duche” (e mais usualmente “ducha”), feminino no Brasil, “toilette” (masculino, com o sentido de

<sup>13</sup> GOUVEIA 2000.

“WC”), e – embora não incluído no anexo a este trabalho – “champanhe”, feminino, eventualmente por associação com a região de origem, a Champagne francesa, sendo frequente a “champanha”<sup>14</sup>. Em Portugal é, indubitavelmente, masculino.

No que respeita aos anglicismos, “sanduiche” é masculino, ao contrário do que ocorre em Portugal<sup>15</sup>, “gangue” e “a mídia”, femininos, este último, eventualmente, por influência da terminação –a, tradicionalmente associada a esse género. No entanto, o género de “mídia” é hesitante desse lado do Atlântico.

O vocábulo “soçaita” (de “society”) é, inexplicavelmente, masculino, ao contrário de Portugal onde “high-society” toma o género feminino de sociedade (Talvez esta atribuição do masculino se deva a que este é o mais usual na língua). No Brasil o feminino também se ouve, embora menos vezes que o masculino.

É curiosa a formação de “checagem”, que apresenta o género feminino dado pela terminação. Este vocábulo deriva de “check up”, única forma usada em Portugal, onde toma o masculino.

#### 4. Conclusões

Torna-se, assim, claro que as línguas criam vários processos de acrescentar ao seu léxico vocábulos de outras origens, reorganizando-se e seguindo determinados modos de as integrar na sua estrutura.

As palavras entradas há mais tempo vão-se adaptando à grafia da língua de adopção e o género vai-lhes sendo atribuído pela terminação ou significado. Mantêm-se por mais tempo inalteradas as formas de origem inglesa, onde a atribuição do género se torna um pouco mais complexa, e – como é natural – as entradas mais recentemente.

O Português do Brasil difere um pouco da norma europeia no que respeita ao género dos estrangeirismos, sendo também mais lesto a adaptá-los à grafia portuguesa.

Consciente de não ter, de forma alguma, esgotado este tema cada vez mais actual – dado os crescentes contactos internacionais e o rápido desenvolvimento dos vários meios de comunicação-, espero, contudo, ter chamado a atenção para um problema que se revela interessante, não apenas a nível linguístico mas igualmente psicológico pelas associações mentais que determinados processos revelam.

---

<sup>14</sup> Cf. FERREIRA

<sup>15</sup> Ramalho ORTIGÃO, n' *As Farpas* (p. 211), escreve “um sandwich de foie gras”.

**Bibliografia**

- BOLÉO, Manuel de Paiva, *O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos (em especial dos francesismos) em português*, 2ª edição revista e ampliada. Separ. de *O Instituto*, vol. CXXVII. Coimbra, Coimbra Editora, 1965.
- CAMPBELL, Lyle, *Historical Linguistics. An Introduction*. Edinburgh, Edinburgh University Press, 1998.
- COSTA, Francisco Alves da, *Dicionário de estrangeirismos*. Col. Dicionários Domingos Barreira. Lisboa, Editorial Domingos Barreira, 1990.
- COSTA, J. Almeida e A Sampaio e MELO – *Dicionário da língua portuguesa*, 6ª edição corrigida e aumentada. Porto, Porto Editora, 1990.
- Dicionário da língua portuguesa contemporânea* da Academia de Ciências de Lisboa. Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001, 2 vols.
- ERVIN, Susan, *The connotations of gender*. In: *Word*, 18. New York, The Linguistic Circle of New York, 1962
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo dicionário de língua portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Castro Duarte de Frias e, *Um aspecto de morfologia histórica: o género gramatical dos substantivos e adjetivos em português*. Trabalho de síntese [inédito] apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica. Coimbra, 1993 [1994].
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e, *O género gramatical dos nomes em Portugal e no Brasil*. In: *Actas do Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*. Évora, 2000 (no prelo).
- LEÃO, Duarte Nunes de, *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- MACHADO, José Pedro, *Estrangeirismos na língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Notícias, 1994
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá – *Dicionário de erros e problemas de linguagem*, 3ª edição. Col. Obras Completas de Rodrigo de Sá Nogueira. Lisboa, Clássica Editora, 1989.
- ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas*, 4ª edição. Lisboa, 1927.
- Português Fundamental*. Vol. I: *Vocabulário e gramática*; tomo I: *vocabulário*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1984.
- SCHMIDT- RADEFELDT, Jürgen e Dorothea SCHURIG, *Dicionário dos Anglicismos e Germanismos na Língua Portuguesa*. Frankfurt am Main, Verlag Teo Ferrer de Mesquita, 1997.

## ANEXOS

Abat-jour m.	Chip m.	Gabardina f.
After-shave m.	Chique m. e f.	Game-boy m.
Agrafe m.	Chofer m.	Gang m.
Airbag m.	Claque f.	Garagem f.
Air-bus m.	Claxon m.	Gay m. (e f.)
Aparthotel m.	Clip m.	Gigolo m.
Atelier m.	Collants m. e f. pl.	Grill m.
	Couvert m.	Guichet m.
	Cow-boy m.	
Baby-gro(w) m.	Creme m.	Hall m.
Baby-sitter m. e f.	Crepe m.	Hamburger m.
Bacon m.	Croché m.	Hand-out m.
Ballet m.	Croissant m.	Hard-core m. (e f.)
Bandolete f.	Croquete m.	Hardware m.
Bar m.	Cuvette f.	High-society f.
Barman m.		Hobby m.
Bâton m.	Dancing m.	Home-page f.
Best-seller m. e f.	Derby m.	
Bibelot m.	Designer m. e f.	Iate m.
Biberon m.	Detalhe m.	Ice tea m.
Black-out m.	Disk-jockey m. e f.	
Boîte f.	Disquete f.	Jackpot m.
Bombom m.	Doping m.	Jeans m. e f. pl.
Boutique f.	Dossier m.	Jeep m.
Bricolage(m) f.	Duche m.	Jet-set m.
Byte m.		Jockey m. e f.
	Écran m.	Joker m.
	Edredon m.	
	Élite f.	Kit m.
Cabaré m.	E-mail m.	Kitchenette f.
Cabine f.	Entourage f.	Kitsch m.
Cachecol m.	Envelope m.	
Cache-pot m.	Equipa f.	Lanche m.
Cameraman m.	Etiqueta f.	Lay off m.
Capot m.		Líder m. e f.
Cash and carry m.	Fax m.	Lingerie f.
Casse-tête m.	Ferry-boat m.	Lobby m.
CD m.	Filete m.	
Charme m.	Flash m.	
Chassis m.	Fones m. pl.	
Chauffage f.		
Check-up m.		



Maionese f.	Poster m..	Suéter m.
Manchete f.	Pulóver m.	Suite f.
Maquet(t)e f.	Punk m. e f.	Sweat-shirt f.
Marquise f.	Puzzle m.	
Mass media m. pl.		
Menu m.	Rally m. Reciclagem f.	T-shirt f.
Metro(politano) m..	Réveillon m.	Take-away m.
Mousse f.	Robe m.	Thriller m.
		Ticket m.
Net f.	Sanduíche f.	Time-sharing m.
	Self-service m.	Timing m.
Omelete f.	Shopping-center m.	Toilette m. (=W.C) e
Overdose f.	Show m.	f. (= fazer higiene e
	Skate m.	vestir-se)
Pacemaker m.	Skin-head m. (f.)	Top m.
Palette f.	Slide m.	Topless m.
Parquet m.	Slip m.	Travesti m. (e f.)
Part-time m.	Slogan m.	Tricô m.
Pass-word f.	Slot-machine f.	Tupperware m.
Passe-vite m	Snack-bar m.	
Passerelle f.	Snob m. e f.	Valsa f.
Pâté m.	Sofá m.	Video-game m.
Pijama m.	Software m.	Vitrine f.
Pionés m.	Soutien m.	
Piquenique m.	Stand m.	W.C. m.
Pizza f.	Stock m.	Wagon-lit m.
Placard m.	Strip-tease m.	Walkman m.
Play-back m.	Stripper m. e f.	Work-shop f.